

SEQUÊNCIA DE ATRAVÉS DA MINHA JANELA

ATRAVÉS DE VOCÊ

Ariana Godoy



uma história
wattpad

ATRAVÉS DE VOCÊ

Ariana Godoy

Tradução de Karoline Melo



Copyright © 2021 by Ariana Godoy
A autora é representada pelo Wattpad.

TÍTULO ORIGINAL
A través de ti

PREPARAÇÃO
Marcela Ramos

REVISÃO
Luíza Côrtes

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Penguin Random House Grupo Editorial / Manuel Esclapez

FOTO DE CAPA
© Shutterstock / Andreshkova Nastya

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G532a

Godoy, Ariana, 1990-

Através de você / Ariana Godoy ; tradução Karoline Melo. - 1. ed.
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
336 p. ; 21 cm. (Os irmãos Hidalgo ; 2)

Tradução de: A través de ti
ISBN 978-65-5560-379-8

1. Romance venezuelano. I. Melo, Karoline. II. Título. III. Série.

22-78803

CDD: 868.99383

CDU: 82-31(87)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRINSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para minhas bruxinhas e deuses gregos,
para meus icebergs e foguinhos.
Para minhas bolinhas de todo o mundo,
obrigada hoje e sempre.*

PRÓLOGO

4 de julho

ÁRTEMIS

O som dos fogos de artifício ressoa por toda a praça. O céu da noite está iluminado, repleto de círculos coloridos que se expandem até desaparecer. Vejo as pessoas celebrarem, gritarem e aplaudirem enquanto passo as mãos suadas na calça, tentando secá-las.

Por que estou tão nervoso?

Por causa dela...

Olho para o lado e a observo, pensando em tudo outra vez — calculando, repetindo mentalmente o que devo dizer, como e se vou conseguir dizer. Estamos sentados na grama, e ela sorri. Seu olhar está perdido no espetáculo, as explosões coloridas refletidas em seu rosto.

Ela esteve ao meu lado desde que éramos crianças, e à medida que crescemos, parte de mim sempre soube que meu sentimento não é apenas carinho ou amizade. Quero muito mais que isso. Após semanas criando coragem, decidi tomar uma iniciativa.

Vamos, você consegue.

Volto a olhar para o céu colorido e passo a mão devagar pela grama até parar sobre a dela. Meu coração acelera e me sinto um idiota por não conseguir controlá-lo. Não gosto de ficar vulnerável. Nunca pensei que me sentiria assim por alguém; nunca desejei isso. Ela não diz uma palavra sequer, mas também não afasta o toque.

Consigo sentir seus olhos em mim, mas não me atrevo a encará-la; além disso, não sou bom com palavras, nunca fui. Por fim, quando decido tomar as rédeas da situação, ajo tão rápido que me surpreendo. Com a mão livre, agarro o pescoço dela e aproximo nossas bocas. No entanto, o toque dos lábios é tão fugaz quanto os fogos de artifício desaparecendo no céu. Ela me empurra com força, afastando-me em questão de segundos. Sua reação me deixa sem fôlego, sem palavras.

Sinto a amarga sensação da rejeição, e meu peito dói. Ela abre a boca para falar alguma coisa, mas volta a fechar, como se não soubesse o que dizer, temendo me magoar; posso ver isso com nitidez. Mas agora é tarde demais. Trinco os dentes, levanto-me e dou as costas para ela. Não quero piedade.

— Ártemis... — sussurra ela.

Mas já estou me afastando, deixando-a para trás.

Esta noite, decido deixá-la para trás e me fechar por completo outra vez. Nunca mais alguém vai me magoar assim. Nunca mais baixarei a guarda dessa forma. Não vale a pena.

“POR QUE VOCÊ NUNCA QUER FALAR DELE?”

4 de julho, cinco anos depois

CLAUDIA

“Qual é a sensação de morar com caras tão atraentes?”

“Você tem tanta sorte.”

“Que inveja!”

“Morar com esses deuses, que privilégio.”

“Como você consegue morar com eles?”

“Já transou com algum dos irmãos?”

“Me passa o número do celular dele?”

Esses são só alguns dos comentários que tenho que aturar desde que os irmãos Hidalgo saíram da puberdade e se tornaram o sonho erótico das garotas e dos garotos da região. Ártemis, Ares e Apolo Hidalgo, os meninos que conheço desde criança — embora não sejamos da mesma família —, arrancam muitos suspiros. Como vim morar com eles? Bem, minha mãe é empregada dos Hidalgo desde que me entendo por gente. O sr. Juan Hidalgo abriu as portas de sua casa para nós duas e nos abrigou aqui; e serei eternamente grata por isso. Ele sempre foi muito

bom conosco, então quando minha mãe ficou doente há um ano e não pôde continuar trabalhando, o sr. Hidalgo deixou que eu cuidasse dos serviços domésticos.

Muitas pessoas têm inveja de mim e acreditam que minha vida é perfeita só porque moro com caras lindos, mas elas não poderiam estar mais enganadas. A vida não se resume a relacionamentos, sexo e garotos. Para mim, vai muito além disso. Relacionamentos trazem complicações, problemas e discussões. Concordo que às vezes proporcionam uma felicidade momentânea, mas será que vale a pena se arriscar por migalhas de alegria? Acho que não. Prefiro mil vezes ter estabilidade e tranquilidade a tudo que um relacionamento pode oferecer, então me mantenho longe deles; meus afazeres já bastam.

E não me refiro somente ao amor. Acho muito difícil cultivar amizades, já que não tenho tempo livre. Trabalho na casa dos Hidalgo durante o dia, cuido da minha mãe nos intervalos e vou para a faculdade à noite. Meu dia começa às quatro da manhã e termina quase à meia-noite, então só tenho tempo para dormir. Eu deveria estar cheia de amizades no auge dos meus vinte anos, mas tenho apenas uma amiga — e isso só porque fazemos as mesmas aulas na faculdade. Lógico que considero os meninos meus amigos, principalmente Ares e Apolo. Ártemis é outra história.

Na verdade, Ártemis e eu éramos muito próximos quando mais novos. Mas tudo mudou cinco anos atrás, naquela noite de 4 de julho em que rejeitei um beijo dele. Depois daquele dia, nosso relacionamento deixou de ser agradável e tranquilo e se tornou distante. Ele passou a falar comigo apenas o indispensável. Os irmãos perceberam o afastamento, mas nunca me questionaram o motivo. Isso é ótimo, porque teria sido muito esquisito explicar o que aconteceu.

Para Ártemis, foi muito fácil me evitar, já que ele começou a faculdade no final daquele verão. Saiu de casa e passou os últimos cinco anos morando no campus. No entanto, se formou há um mês e está voltando para casa.

Hoje.

A vida sabe ser bem irônica quando quer. Tinha que voltar justo no dia em que completa cinco anos daquela noite. A família de Ártemis organizou uma festa surpresa para ele, e eu não posso negar que estou nervosa. A última vez que o vi foi há seis meses, apenas por um segundo, quando veio buscar umas coisas em casa. Nem me cumprimentou. Para ser sincera, espero que desta vez possamos ter uma conversa mais civilizada. Já se passou muito tempo, não acredito que ele ainda lembre. Não estou dizendo que desejo voltar a ser próxima dele como antes, mas espero que pelo menos possamos conversar sem causar um clima estranho.

— A comida está pronta? — pergunta Martha, minha mãe, pela terceira vez enquanto me ajuda a fechar o zíper do meu vestido preto.

A sra. Sofía, minha patroa, me pediu para usar essa roupa; quer que as pessoas que contratou para servir seus convidados estejam elegantes, e eu não sou exceção.

— Claudia, está me ouvindo?

Olho para minha mãe e abro um sorriso.

— Está tudo em ordem, mãe, não se preocupe. Agora vá dormir, está bem?

Faço com que ela se deite, cubro-a e lhe dou um beijo na testa.

— Voltarei logo — aviso.

— Não se meta em confusão. Você sabe, o silêncio é a...

— Melhor resposta. — Termino a frase por ela. — Eu sei.

Minha mãe acaricia meu rosto.

— Você não faz ideia. As pessoas que vêm para essa festa podem ser muito grosseiras.

— Não vou causar problemas, mãe. Já sou bem grandinha.

Dou outro beijo na testa dela e me afasto. Verifico no espelho se o coque que fiz está bem preso, sem um único fio ruivo fora do lugar. Não posso usar o cabelo solto, pois estarei perto da comida. Apago a luz e saio do quarto, andando com rapidez. Os saltos pretos que estou usando fazem barulho a cada passo. Embora não use com frequência, ando muito bem de salto alto.

Ao chegar na cozinha, encontro quatro pessoas: dois garotos com uniformes de garçom e duas garotas com o mesmo vestido que eu. Conheço-os porque são funcionários da empresa que a sra. Sofia sempre contrata para organizar festas. Ela gosta que sejam sempre os mesmos porque eles são competentes e têm experiência com eventos realizados na casa. Além disso, uma das meninas é minha amiga da faculdade. Sim, isso mesmo, eu a ajudei a conseguir o emprego.

— Como você está?

Gin, minha amiga, dá um suspiro.

— Bem — responde ela, apontando para a garota de cabelo preto. — Anellie fez alguns drinques e colocou o champanhe e o vinho no minibar.

— E quem vai ficar no minibar preparando as bebidas? — pergunto, pegando uma bandeja de aperitivos. — Jon?

Jon assente.

— Como sempre, o melhor bartender do mundo.

Ele pisca para mim.

Gin revira os olhos e diz:

— Oi? Eu faço as melhores margaritas do mundo.

Miguel, que ficara calado até agora, decide falar:

— Assino embaixo.

Jon mostra o dedo do meio para os dois e eu olho o relógio.

— Hora de ir. Os convidados devem estar chegando.

Observo-os sair, mas Gin fica mais atrás de propósito para me acompanhar.

— Como você está?

Dou de ombros.

— Normal. Como eu deveria estar?

Ela solta um grunhido.

— Não precisa fingir comigo. Você não o vê há meses, deve estar muito nervosa.

— Estou bem — insisto.

— Eu o vi em uma revista de negócios alguns dias atrás, lembra? Sabia que ele é um dos empresários mais jovens do estado?

Óbvio que sei. Gin continua falando:

— Ele nem tinha terminado a faculdade quando assumiu a empresa Hidalgo. Fizeram um pequeno resumo na matéria, ele é um baita gênio. Se formou com distinção acadêmica.

— Gin. — Olho para ela, segurando-a pelos ombros. — Adoro você, mas poderia calar a boca?

Gin bufa.

— Por que você nunca quer falar dele?

— Porque não tenho motivo para isso.

— Nada tira da minha cabeça que aconteceu alguma coisa entre vocês. Ele é o único Hidalgo sobre quem você nunca quer falar.

— Não aconteceu nada — rebato.

Entramos na sala de estar. O cômodo está todo decorado, os móveis foram substituídos por enfeites e mesinhas altas com bebidas e aperitivos. Sofia e Juan estão na porta, a postos para receber os convidados. Apolo, o filho mais novo, está ao lado deles, em um terno muito bonito. Franzo a testa. Cadê o Ares?

Corro para o andar de cima, porque conheço esses garotos muito bem. Ares foi a uma festa ontem à noite e chegou de madrugada, então é provável que esteja dormindo, apesar de já ser quase seis da tarde.

Sem bater na porta, entro no quarto dele e não me surpreendo ao encontrá-lo no escuro. O cheiro de álcool e cigarro me faz torcer o nariz. Vou até as janelas e abro as cortinas. A luz do pôr do sol ilumina o garoto deitado, sem camisa, com o rosto enfiado no travesseiro, o lençol cobrindo até pouco acima da cintura. Também não me surpreendo ao ver a garota loira dormindo ao lado dele. Apesar de não conhecê-la, sei que deve ser um de seus relacionamentos casuais.

— Ares! — Toco seu ombro de leve, e ele só solta um grunhido de reclamação. — Ares! — Desta vez, aperto o ombro dele e o vejo abrir aqueles olhos azuis tão parecidos com os da mãe.

— Ah, luz! — reclama ele, cobrindo os olhos.

— A luz é o menor dos seus problemas.

Endireito o corpo e coloco as mãos na cintura.

— O que aconteceu? — pergunta ele, sentando-se e passando a mão pelo rosto.

Digo tudo que ele precisa saber com uma única palavra:

— Ártemis.

Dá para ver as engrenagens do cérebro dele começando a funcionar, e por fim ele se levanta. Ares está apenas de cueca boxer, e se eu não o tivesse visto tantas vezes desse jeito, ficaria deslumbrada com a visão.

— Merda! É hoje!

— Vamos, toma um banho. Seu terno está pendurado na porta do banheiro.

Ares está prestes a correr para o banheiro quando repara na garota dormindo na cama.

— Ah, merda.

Ergo a sobancelha.

— Achei que estivesse dando uma pausa nas aventuras sexuais sem compromisso.

— Eu estava... Ah, maldito álcool. — Ele coça a nuca. — Não tenho tempo para lidar com todo o drama que deve rolar quando eu mandá-la embora. — Ele se aproxima de mim. — Você me ama mesmo, Clau?

— Não vou despachar a garota, Ares. Você precisa se responsabilizar pelos seus atos.

— Por favor, eu tenho pouco tempo — suplica ele. — Não vai dar para descer a tempo de receber meu irmão.

— Está bem, mas é a última vez. Estou falando sério. — Empurro-o para o banheiro. — Vai logo.

Suspirando, acordo a garota. Ela se veste em silêncio, e eu lhe dou o máximo de privacidade possível. É estranho, mas, por mais horrível que seja dizer isso, estou acostumada com situações assim. Morar com um garoto de dezoito anos no auge de seu vigor sexual me obrigou a me acostumar. Apolo ainda é muito inocente, e dou graças a Deus por isso.

Preciso admitir que a loira é muito bonita. Sinto pena dela.

— Vamos, vou pedir um táxi e acompanhar você até a porta dos fundos.

Ela fica ofendida.

— A porta dos fundos? Quem pensa que eu sou? E você ainda não me disse quem é...

Entendo a pergunta, já que não há nada que indique que sou apenas a empregada da casa com este vestido elegante.

— Não faz diferença. Está tendo uma festa lá embaixo, e ao menos que queira várias pessoas olhando para você assim, sugiro que use a porta dos fundos.

Ela me lança um olhar mortal.

— Que seja.

Ingrata.

Sei que estou fazendo um trabalho sujo e apoiando esse comportamento de alguma maneira, mas conheço Ares. Ele é terrivelmente sincero, e sempre deixa explícito para as garotas o que quer. Se, mesmo assim, elas se entregam para ele esperando mais, a responsabilidade é delas.

Depois de dispensar a garota e vê-la entrar em um táxi, volto para a festa. Várias pessoas já chegaram em seus vestidos elegantes e ternos de marca. Esboço meu melhor sorriso e sirvo os convidados com educação, rindo de piadas que não acho graça e elogiando todo mundo, mesmo que não seja sincero.

Conforme a sala vai enchendo, fico tensa. A festa é surpresa, e Ártemis não faz ideia de que, quando voltar, depois de tanto tempo fora, será recebido por tanta gente. O momento está cada vez mais próximo. Não sei por que estou tão nervosa.

A sra. Sofia pede atenção, e todos ficamos quietos. Jon apaga as luzes, e esperamos em silêncio absoluto enquanto ouvimos a porta abrir.

Ártemis chegou.

“GAROTAS NUNCA QUEREM SÓ SEXO”

CLAUDIA

Há momentos da vida que parecem passar em câmera lenta, mesmo que estejam em tempo real, ainda mais quando são situações carregadas de emoção. A porta se abre, as luzes se acendem e os aplausos ecoam pela enorme sala.

Sinto um incômodo ao perceber o tanto que meu coração acelera ao vê-lo: Ártemis. Não posso deixar de notar o quanto ele mudou. Já não é o garoto de olhos brilhantes que segurou minha mão naquele 4 de julho aos dezessete anos. É um homem-feito e está com um terno que o faz parecer mais velho. Seus pais o cumprimentam e em seguida várias pessoas fazem o mesmo. Ele mudou muito, já não sorri tanto, e seu olhar está vazio e frio.

Está ainda mais bonito, não vou negar; seus traços amadureceram e uma barba por fazer cobre seu rosto. Quando enfim consigo tirar os olhos dele, reparo na ruiva ao seu lado. É uma mulher lindíssima, de curvas acentuadas e com um decote surpreendente. Ela pega uma mecha do cabelo e coloca atrás da orelha, abrindo um sorriso para a mãe de Ártemis. Pelo jeito que se apoia nele, devem ser bem íntimos.

E que diferença faz para você, Claudia?

Balanço a cabeça para afastar o pensamento. Estou prestes a me virar quando meu olhar cruza com o de Ártemis. Os olhos cor de café, que sempre admirei, encontram os meus, e eu paro de respirar. O ar muda a meu redor, e a tensão entre nós se torna palpável, como se um fio de emoções nos conectasse em meio às pessoas. Não tenho coragem suficiente para sustentar o olhar, então me viro, dando de cara com Gin.

— Ele é ainda mais gato pessoalmente — comenta ela.

Passo por Gin sem responder nada. Jon me recebe no mini-bar com um grande sorriso.

— Por que está sempre tão séria? — pergunta ele. — Sorrir não é crime, sabia?

Entrego a bandeja com taças de champanhe vazias para ele encher.

— Não tenho motivos para sorrir.

Jon me entrega outra rodada de taças cheias.

— Nem sempre precisa ter motivo — começa ele, inclinando-se sobre o bar. — Você fica linda sorrindo.

Ergo as sobrancelhas.

— Já disse que suas investidas não vão funcionar comigo — aviso.

Gin aparece ao meu lado.

— Lógico, Clau prefere caras com barba — explica ela.

— Posso deixar a minha crescer por você — sugere Jon fazendo beicinho.

Estou prestes a responder, mas braços torneados me envolvem por trás. O cheiro de um perfume familiar alcança meu nariz quando Ares me abraça com força.

— Você me salvou. Obrigado — diz ele.

Eu me solto e me viro.

— Foi a última vez — aviso.

Ele abre um sorriso.

— Prometo que não vai acontecer de novo.

— Foi o que você disse da última vez.

— Prometo pra valer.

Ares olha para mim com aquela cara de cachorrinho abandonado que com certeza já derreteu o coração de muitas garotas. Nem me dou ao trabalho de responder e dou um tapinha na sua testa com o dedo, arrancando uma risada. Atrás dele, vejo Ártemis e a mulher ruiva vindo em nossa direção, provavelmente para cumprimentar Ares.

Essa é minha deixa para fugir.

— Vou pegar mais aperitivos — murmuro.

Saio antes que Gin possa protestar, porque nós duas sabemos que já tem petiscos de sobra.

A cozinha é meu porto seguro, onde eu cresci; me lembro de rabiscar na mesa enquanto minha mãe cozinhava e limpava. Aqui é o lugar da casa que os Hidalgo menos frequentam, portanto, é meu território. E não porque quis que fosse assim, apenas fui criada neste espaço. Não planejei que aqui fosse meu lugar seguro, só aconteceu. Mexo nas coisas que já estão prontas, fingindo estar ocupada caso alguém entre. Só estou matando tempo, e se a sra. Hidalgo se der conta disso pode me repreender.

Nem sei por que estou fugindo de Ártemis.

Na minha cabeça, esta noite se desenrolaria de outra maneira. Jamais imaginei que estaria me escondendo dele feito covarde. O que está acontecendo comigo?

Você só ficou impressionada porque ele está mais maduro, é só isso. Você nunca se deixou ser intimidada, não permita que ele quebre o ciclo agora.

— Você está bem? — A voz de Apolo, o caçula dos Hidalgo, me faz pular de susto.

Viro para ele.

— Aham, tudo bem — respondo.

Apolo é a versão inocente de seus irmãos. Os olhos castanhos e o sorriso infantil se destacam em sua beleza. Ouso dizer que, com o tempo, ficará ainda mais atraente que os irmãos e será o mais gente boa deles, sem dúvidas.

— Então por que está se escondendo? — pergunta ele.

Apolo se encosta na mesa da cozinha e cruza os braços.

— Não estou me escondendo — respondo.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— E o que está fazendo então?

Abro a boca e volto a fechá-la, pensando em alguma desculpa. Por fim, surge uma ideia.

— Eu estou...

— Enrolando — interrompe Sofia Hidalgo, entrando na cozinha. — Posso saber por onde você andou nos últimos vinte minutos?

— Só estava verificando...

— Shhh! — Ela me silencia. — Não quero desculpas. Volte lá para fora e sirva meus convidados.

Mordo a língua porque prometi para minha mãe que me comportaria. De má vontade, passo por Apolo e volto para esta farsa que chamam de festa. Cumprimento as pessoas, sirvo-lhes bebidas e sorrio que nem uma idiota. Mantenho os olhos e os pensamentos afastados do centro da atenção da noite.

Para o meu azar, a cautela para não esbarrar com Ártemis me levou a encontrar a pessoa que eu menos esperava ver aqui: Daniel.

Os olhos dele brilham ao encontrar os meus.

— Minha linda.

Merda.

Aceno brevemente e estou prestes a passar direto por ele, mas Daniel me segura pelo braço.

— Ei, ei, espera. — Ele me vira. — Se acha que vou deixar você escapar desta vez, está muito enganada.

Desvencilho meu braço.

— Estou ocupada agora — digo.

— Por que ignorou minhas ligações? — pergunta ele. Eu não queria ter essa conversa. — Sei que está se fazendo de difícil, mas não acha que dois meses sem me responder não é demais?

Ai, Daniel.

Para resumir, ele foi resultado de uma noite de bebedeira e tesão acumulado. Ele joga no time de futebol de Ares e é lindo

pra caramba. Apesar de ser mais novo que eu, é muito bom de cama. Sim, o sexo foi gostoso, mas foi só isto: sexo.

Sim, sou muito sincera a respeito da minha sexualidade e do que quero. A sociedade que se dane. Nós, mulheres, temos o direito de transar *quando, como e com quem* der vontade. Desde que eu me proteja e me cuide, não tem motivo para isso ser um problema. Talvez muitas pessoas me julguem, mas não dou a mínima.

Não estou interessada em relacionamentos amorosos, mas aprecio a companhia de um homem atraente que sabe o que está fazendo. Tem algo de errado nisso? A vida é minha, e eu decido o que fazer com ela. Não sou contra pessoas que namoram ou que acreditam que sexo é sagrado. Respeito as crenças das pessoas da mesma forma que espero que respeitem as minhas. Cada um cava seu próprio túnel para atravessar a escuridão e, em algum momento, encontrar a luz.

Sendo assim, de cabeça erguida, digo a Daniel:

— Daniel, você é um homem muito atraente.

Ele sorri.

— Obrigado.

— Mas foi um lance de uma noite. Por favor, deixa isso pra lá e me esquece.

O sorriso dele não apenas desaparece como também dá lugar à confusão.

— O quê?

Passo a mão pelo rosto, frustrada. Com tanta gente em volta e o medo de que minha patroa me pegue à toa mais uma vez, meu lado direito e frio vem à tona.

— Daniel, foi só sexo. Não estou me fazendo de difícil. Eu só queria transar com você. Transei, então acabou.

— Não acredito em você.

— Por quê?

— Garotas nunca querem só sexo.

— Que generalização horrível. Desculpa furar suas estatísticas, mas estou completamente certa de que não quero mais nada com você.

— Não sei que merda de joguinho é esse, Claudia, mas pode parar. Você já conseguiu me deixar interessado, não precisa se esforçar tanto assim.

Por que é tão difícil acreditar que uma garota só quer curtir sua vida sexual?

— Não estou fazendo nenhum jogo, além disso...

— Algum problema aqui?

Ares se junta a nós. Abro um sorriso para ele.

— Não. Na verdade, já estava de saída.

Desapareço o mais rápido que consigo, deixando Daniel falando sozinho.

A festa continua sem mais problemas. No final, eu, Gin e os outros funcionários nos reunimos para limpar tudo antes de encerrar o dia de trabalho. Confiro se minha mãe está dormindo tranquilamente e volto para a cozinha para ver se está tudo certo. Por fim, passo as mãos pelo rosto e solto um suspiro.

— Está cansada?

Paro de respirar. Sua voz também está diferente, muito mais viril, grossa e firme do que me lembro. Dou meia-volta para encará-lo pela primeira vez em muito tempo.

Ártemis.

“SURPRESA!”

ÁRTEMIS

— Vamos, sorria um pouco — pede Cristina, lançando-me um olhar de reprovação.

Não respondo. Estou focado na estrada enquanto dirijo por esta rodovia que conheço tão bem. Voltar para casa não me deixa nada animado, já que o lugar está repleto de recordações amargas que eu preferia esquecer. Cristina, por outro lado, está radiante. Ela ama eventos assim.

— Por que você está tão sério?

A pergunta paira no ar. Não estou com disposição para dar explicações, e ela parece notar.

— Odeio quando você fica nesse silêncio profundo. É irritante — acrescenta ela.

Depois disso, Cristina me deixa quieto e retoca a maquiagem, mesmo sem necessidade. Está linda no vestido vermelho que contorna suas curvas com perfeição; o cabelo ruivo está solto, ondulado nas pontas. Tenho certeza de que minha mãe vai adorá-la, já que ela é educada e vem de uma família de prestígio — tudo o que minha mãe sempre quis para mim.

Meu celular vibra no bolso. Coloco o fone para atender.

— Alô?

— Senhor. — A voz de David, meu braço direito, ecoa do outro lado da linha. — Desculpe incomodá-lo, sei que...

— Vá direto ao ponto, David.

— Sim, senhor. — Ele faz uma pausa. — Temos um problema. O departamento de máquinas relatou um acidente com uma das escavadeiras.

A empresa Hidalgo é uma das maiores construtoras do país, com sedes em diferentes estados. Administro a sede principal, e temos vários projetos em andamento. As escavadeiras são uma das máquinas de terraplanagem mais caras.

Por isso, suspiro antes de murmurar:

— O que aconteceu?

— Pelo visto, houve um deslizamento durante a obra do novo canal e a escavadeira caiu lá dentro. Os guindastes já tiraram a máquina de lá, mas parou de funcionar.

— Merda — sussurro.

Cristina olha para mim, preocupada.

— O operador da escavadeira está bem?

— Sim, senhor. — A informação me tranquiliza. — Para onde quer que enviemos a máquina? Para os fabricantes ou para nossa oficina?

— Para nossa oficina, confio em nossos mecânicos. Me mantenha informado.

Desligo após ouvir David confirmar. Consigo sentir o olhar de Cristina em mim.

— Está tudo bem?

— Sim. Houve um problema com uma das máquinas.

Estaciono o carro e tiro o cinto de segurança.

— Estou nervosa, não consigo disfarçar — admite ela, soltando uma risada ansiosa.

Saio do carro e dou a volta pela frente do veículo para abrir a porta para Cristina. Ela sai, segura minha mão, e vamos até a entrada.

Minha casa...

Embora não tenha morado aqui nos últimos anos, exceto por algumas visitas, a sensação de familiaridade me invade, e me vem à mente um par de olhos escuros que me ferem a cada lembrança.

— Está um silêncio... Você não disse que teria uma festa?
— murmura Cristina, encostando o ouvido na porta de entrada.

— Vai ter. Só que minha mãe acha que vai ser uma surpresa — digo, segurando a maçaneta. — Haja como se estivesse surpreendida.

Várias pessoas gritam em uníssono quando abro a porta:

— Surpresa!

Me esforço para sorrir com simpatia; só vi essas pessoas uma vez ou outra em reuniões ou festas de minha mãe. Por fim, encontro meus pais. As rugas no rosto de meu pai estão mais profundas, e as olheiras mais evidentes. O estresse e a vida cobram seu preço. Minha mãe me recebe com um sorriso enorme, meu pai só me oferece um aperto de mão, e Apolo, meu irmão caçula, me cumprimenta com um abraço rápido. Coloco as mãos nos bolsos da calça e lhes apresento Cristina.

— Essa é minha namorada, Cristina.

— Muito prazer — cumprimenta ela, colocando seu melhor sorriso no rosto para apertar as mãos de meus pais e de Apolo.
— Vocês têm uma casa linda.

— Muito obrigada — agradece minha mãe, satisfeita com o que vê.

Ela começa a fazer um monte de perguntas para Cristina, e meus olhos vagam pela sala até encontrar aqueles olhos escuros: Cláudia. Aperto as mãos dentro dos bolsos. Sua beleza me surpreende e me tira o fôlego por alguns segundos. Os últimos anos fizeram bem a ela, sem dúvida. Me sinto vitorioso, já que ela desvia o olhar primeiro. Não consigo olhar para mim, hein?

O restante da noite passa como um borrão. Converso com os amigos de minha mãe, assentindo enquanto ouço suas histórias entediadas e intervindo de vez em quando. Sem querer, meus

olhos por vezes procuram por uma ruiva diferente da que está ao meu lado.

Claudia está servindo os convidados, mas cada vez que me aproximo, ela foge como se eu fosse uma praga. Não consigo falar comigo também?

Após nos despedirmos de todas as pessoas, meus pais, Cristina e eu nos sentamos na sala.

— Você é uma mulher muito interessante, Cristina. Estou muito feliz por... — diz minha mãe, sem cessar os elogios.

Os olhos dela brilham ao falar com Cristina. Lógico que minha namorada atende às expectativas que ela tem para mim.

Tomo um gole de uísque, sem realmente escutar a conversa. Meu pai diz que está cansado e se retira.

— É hora de dormir — anuncia minha mãe. — Cristina, pedirei que Claudia prepare um quarto de hóspedes para você.

Minha mãe se levanta, mas seguro seu pulso com delicadeza.

— Não precisa, a Cristina vai dormir comigo.

Vejo Cristina ficar vermelha e desviar o olhar.

Sinto um sorriso iluminar meu rosto. Considerando todas as coisas que já me deixou fazer, ela não tem nada de inocente.

Um semblante de desaprovação toma minha mãe.

— Ártemis...

— Já somos adultos, mãe. Não precisa cuidar da castidade de ninguém. — Solto o pulso de minha mãe e me levanto. — Vou pedir que Claudia leve toalhas extras e alguns aperitivos para meu quarto.

Minha mãe quer protestar, mas sei que não ousaria fazer isso na frente de Cristina.

Coloco o copo de uísque na mesa de centro e deslizo as mãos para os bolsos da calça enquanto vou até a cozinha. Quando chego à porta, vejo-a e paro. Claudia está terminando de arrumar as coisas. Ela está de costas para mim, então me permito observá-la com cuidado pela primeira vez na noite. Seu corpo amadureceu,

suas curvas estão ainda mais acentuadas. O vestido gruda na silhueta como uma segunda pele, e o cabelo ruivo flamejante está preso em um coque alto.

Ela não é mais aquela garota de quinze anos para quem me declarei com pureza; é uma mulher que ficaria linda nua na minha cama, uma mulher com quem eu transaria com vontade.

Balanço a cabeça, afastando os pensamentos idiotas cheios de luxúria.

— Está cansada? — pergunto.

Ela fica tensa antes de se virar para mim. Por apenas um momento, Claudia me lança um olhar cheio de fogo e algo a mais... Medo? Desejo? Não sei. O ar muda, e uma tensão que nunca senti antes cresce entre nós.

Sua voz é suave, mas afiada:

— Não.

Parte de mim quer perguntar como está a mãe dela, como estão as coisas na faculdade... Mas nada disso importa, Claudia não é mais minha amiga de infância; é apenas uma empregada. E quero que ela saiba disso.

— Não? Acho que você deveria dizer “Não, senhor”. Esqueceu como deve se dirigir aos seus patrões?

O olhar dela endurece, e percebo que tem vontade de me dar uma resposta, mas se contém.

— Não, senhor — reitera ela, arrastando a última palavra com raiva.

Claudia sempre foi tão feroz e intensa quanto o vermelho de seu cabelo. Ela não é de baixar a cabeça para ninguém, e isso só me faz querer dominá-la.

— Leve toalhas e aperitivos para o meu quarto — ordeno, frio.

Ela apenas assente, e logo saio do cômodo.

As pessoas acreditam que Claudia tem a vida perfeita porque mora em uma casa luxuosa com garotos que parecem deuses gregos, mas elas não poderiam estar mais enganadas. Dividida entre o trabalho exaustivo como empregada da família, a faculdade e os cuidados com a mãe doente, ela mal tem tempo de pensar em relacionamentos. Mas tudo muda quando Ártemis Hidalgo volta à cena.

Os dois não se falam desde a adolescência, e ele já não é mais aquele garoto inocente e carinhoso. Cinco anos depois de recusar um beijo dele, Claudia se depara com um Ártemis muito diferente, frio como um iceberg e... comprometido. Por isso, ela decide evitá-lo a qualquer custo.

No entanto, quando o passado ressurge, eles se entregam às fantasias dessa antiga paixão, e o muro que construíram para não se magoarem ameaça desmoronar. Será que Claudia e Ártemis vão conseguir deixar os medos para trás e viver um romance?

Irresistível e de tirar o fôlego, a sequência de *Através da minha janela* — obra que deu origem à produção de sucesso da Netflix — revela novas camadas e segredos da família Hidalgo. Em *Através de você*, Ariana Godoy narra uma história inebriante de desejo e atração que mostra o poder e a intensidade do primeiro amor.

SAIBA MAIS

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1196/>